

A ILLUSTRAÇÃO

DIRECTOR-PROPRIETARIO : MARIANO PINA

LISBOA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO 20, RUA IVINS

*Dirigir todos os pedidos de assignaturas e outros
envios em Portugal ao SR. DAVID CORAZZI, 12, rua
da Atalaya, LISBOA; e no Brazil, ao SR. JOSÉ DE
MELO, 38, rua da Quitanda, RIO DE JANEIRO.
Preço de numero à Paris, 2 francs.*

7.º ANNO.— VOLUME VII.— N.º 22

LISBOA 30 DE NOVEMBRO DE 1890

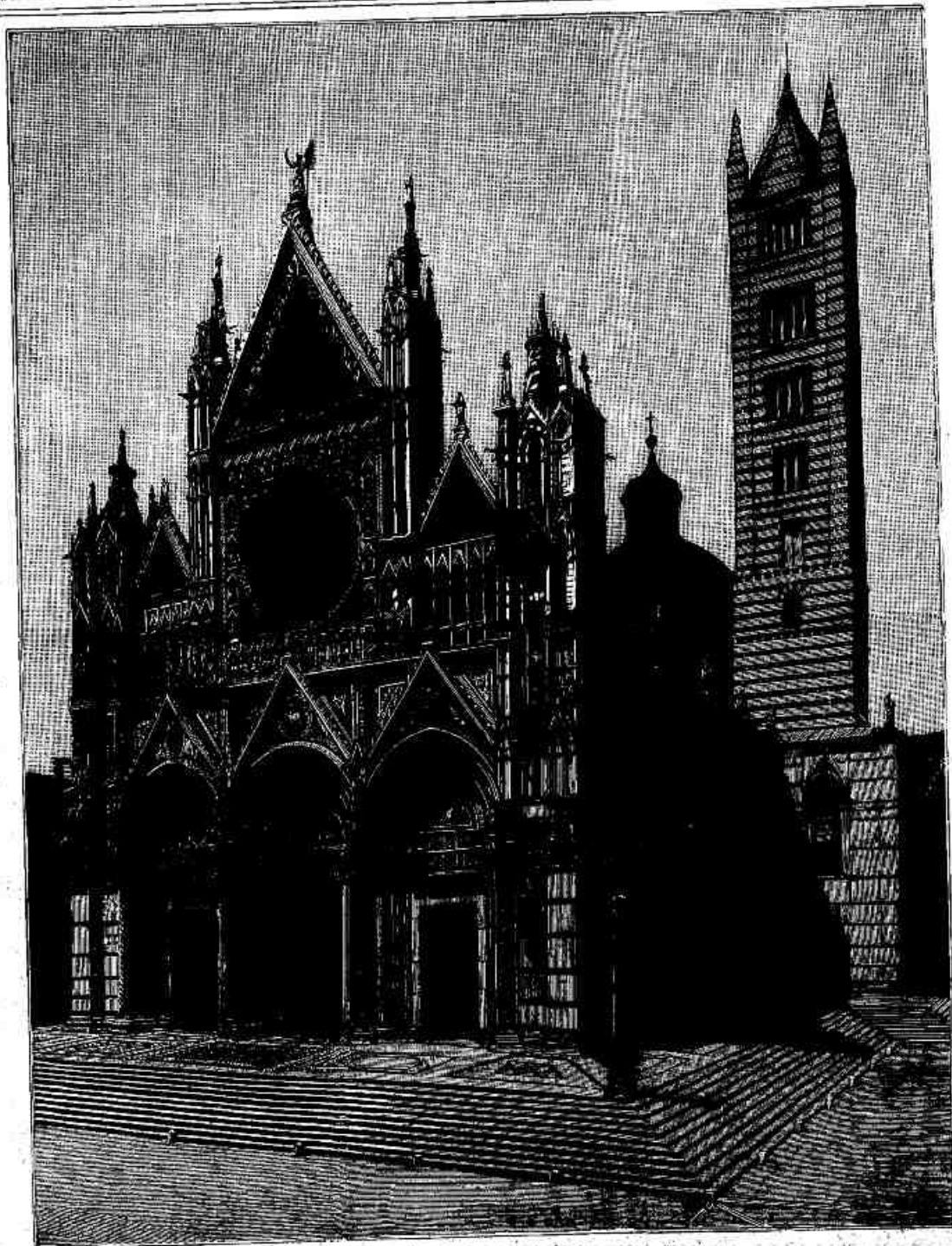
Gerente em Portugal e Brazil : DAVID CORAZZI.

PORTUGAL

DAVID CORAZZI, 42, RUA DA ATALAYA, LISBOA

ASSIGNATURAS :

ANNO	2.400 REIS
SEMANAL	1.200 —
TRIMESTRE	500 —
ANNUO	100 —



ITALIA. — A CATHEDRAL DE SIENNA, EM PARTE DESTRUIDA POR UM INCENDIO.



CHRONICA

O INVERNO

QUANDO aos domingos passava por Lisboa e seus arredores, por estes dias de sol e doce temperatura que mais parecem dias de primavera do que dias de novembro; quando aos domingos desço o Tejo até Pedrouços, e depois faço a viagem em caninho de ferro até Cascaes, — vão-se-me os olhos nas formosuras do nosso rio e das suas margens, e todo o meu ser agradece comovido a esse a quem chamam o Supremo Architecto, a bondade do clima que me afaga, a pureza do azul que me enche de felicidade e a doçura d'essa luz que me inunda de alegria... Dias creadores! dias sumptuosos!

E lembro-me então dos terríveis invernos do norte...

Que tristeza de novembro! Enquanto nós andamos mergulhados em luz, os pobres filhos do norte têm de trabalhar de dia a luz do gaz e a luz electrica, porque os nevões lhes occultam a luz do sol... Enquanto nós gosamos da mais doce, da mais suave das temperaturas, os pobres filhos do norte, bloqueados pelo frio que os não deixa sair de casa, pagam as horas vendo cair a neve em mudos turbilhões, cobrindo as cidades e campos, e suspendendo a actividade e a vida por toda a parte por onde se estende...

Que tristeza de novembro! E quando não é a neve, dando um tom tumular a todas as cousas que ella envolve; e quando não é o nevoeiro, deixando-nos dias e dias sem a luz que vivifica e anima — são os dias de chuvas prolongadas, cabindo incessantemente, como um castigo do céu; são as temperaturas de 12 graus abaixo de zero, e os fúteis divers dos jornais, dando parte aos seus milhões de leitores do numero de pessoas encontradas mortas, — montas de frio e de fome...

Que tristeza de novembro! Porque ha capitães para o norte da Europa, muito mais ricos e mais bellas que Lisboa, onde se morre de frio, e onde se morre de fome... Enquanto — Deus louvado! — n'esta Lisboa, de que todos os nossos casquilhos e gominhosos sufficientemente pelintros dizem mal e tanto ridiculisam — não me consta que haja exemplo, nem de morte por falta de pão, nem de morte por falta de calor.

Não têm os gominhosos do Chiado, um Bosque de Bolonha ou um Hyde-Parkinho, para mostrarem as damas suas artes e ademanas sobre as pilecas em que trotam pela Avenida... A camara ainda nisso não pensou, o que muito afflige os citados insectos. Mas temos nós todos que amamos a vida com todos os gozos que ella nos possa dar, uma Lisboa sem rival, pela sua belleza, pelo seu clima, pela suavidade d'este inverno que deixa a perder de vista tudo quanto por ali se apregoa de Nice e de Monaco.

O que deveras me enfurece, á proporção que me delecto com os meus passeios dominicaes pelas margens do Tejo abaixo — é ver como nós nem sequer sabemos tirar proveito

das riquezas com que a natureza nos dotou. Lisboa podia ser dentro em braxes annos (se o Estado e o Municipio n'isto pensassem seriamente) a rival de todas as cidades do Mediterraneo.

Lisboa é, como capital d'inverno, pelo seu clima e pela sua situação, a cidade ideal de toda a Europa.

O Sud-express veio collocar-nos a 40 horas de viagem de Paris, isto é, da capital mais rica da Europa. D'aqui a pouco far-se-ha a mesma viagem em 36 horas.

Porque razão a gente rica, que de inverno suspira pelo sol, em vez de ir gastar pnhados d'ouro para o littoral mediterraneo — não vem passar o inverno a Lisboa?

Porque razão as familias dos ricos negociantes que fazem a viagem do Cabo e da America do Sul, não vem até Lisboa assistir ao embarque e ao desembarque d'aquelles que mais estremecessem?

Porque Lisboa não lhes fornece nenhum conforto, nem nenhumas distrações; porque é uma capital sem as suas festas tradicionais, sem distrações, sem theatros, sem casinos e sem hotéis

Temos um carnaval, como Nice. Mas enquanto o municipio de Nice promove as festas do entrudo e as annuncia por toda a Europa para atrahir viajantes á cidade, — o carnaval de Lisboa anda por essas ruas, rôto, immundo, repulente, entregue á phantasia dos gallegos, dos gaitos e dos pandegos. Em Nice ha premios para as melhores cavalgadas, para as melhores mascaradas, para as melhores decorações das casas e das ruas; durante o entrudo em Lisboa o carnaval é o pretexto para a cidade ficar immunda durante quinze dias.

Quise alguém dizer ao Municipio de Lisboa que tome conta do entrudo, e faça d'elle um atractivo para a Europa. Quise o Municipio fazel-o... Estou certo que mettem n'um processo e mettem na cadeia todos os vereadores — se os não mandassem por casidade para um hospital de doidos...

Mas ainda que se fizessem as festas; — onde ha os hotéis para alojar familias que queiram viver luxuosamente; onde ha os casinos; onde ha os theatros para distribuir essa população de passagem? ... São Carlos, onde uma senhora em toilette de soirée e um homem que veste uma casaca, correm todas as noites o risco de apanhar uma pneumonia! ... E depois! Que temos depois d'essa geleiira que se chama São Carlos? ... Os circo? ...

Ora de cada vez que penso n'esta Lisboa de que tanto gosto, e nas sommas fabulosas que os governos andam gastando inutilmente para a fortificação e põ-la ao abrigo não sei de que invasor imaginario e terrivel — lembra-me que melhor seria applicar essas sommas em tornar Lisboa o que ella ainda não é... em a tornar uma capital.

Em vez de quartéis e fortes — hotéis e theatros.

Em vez de linhas estrategicas — parques e avenidas.

Em vez de paradas e exercicios militares — festas e mais festas.

Que á entrada do Tejo e na fronteira, se mandassem pôr taboletas onde se lêsse:

ALTO AQUI! ...

AQUI ESTÁ O PAIZ DA FELICIDADE! ...

E como não sabemos produzir cousa alguma, por esta somma de mandiees que tanto nos distingue, sabemos ao menos produzir bem-estar para obigar o estrangeiro e principalmente o inglez, a vir aqui gastar os milhões que nos rouba em Africa.

Ha mezes decretou-se a criação d'um ministerio d'instrução publica. Erró profundo! Se quizerem ser ricos e felizes, só devem pensar numa cousa: erguer quanto antes um Ministerio de rayasio publico!

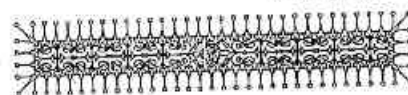
N'esse dia, toda a Europa que pode gastar, tira gastar uma boa parte do seu dinheiro a Lisboa.

Saibamos explorar dignamente este céu, este sol, este Tejo, e isto, que é de marmore e de granito — de granito quando se lhe quer fazer entrar uma boa idea pela cabeça dentro...

A Europa explora-nos em Africa, indecorosamente. Saibamos nós, limpamente, explorar a Europa — dentro da propria Europa! — servindo aos ricacos todas as phantasias, todos os appetites, todas as seducções, todos os caprichos que esses ricacos ambicionem.

Saibamos praticar, para que a posteridade não diga um dia — que fomos tolos...

MARINHO PIRA.



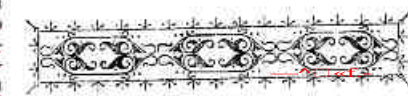
ANTHOLOGIA PORTUGUEZA

CLARÃO

Não viste como ha pouco, descobrindo
O sol, n'um instante desencanto?
De duas nuvens carregadas, lindo
Que ficou tudo, céu e mar tão entro?

Por quem és!
Deixa-me ver teus olhos um momento!
Lira como se o sol, no firmamento,
Me rainhasse outra vez!

JOÃO DE DEUS.



DO «INTERMEZZO», DE HEINE

A RAIMUNDO ORTIZÃO

Erão horas do chá. Em torno á mesa,
A conversa cahia com presteza
N'um thema velho — o Amor.
Sentimentaes, as damas discutiam,
E os cavalheiros, plácidos, faziam
Esthetica, a primor.

Com syllabas medidas, gravemente,
— Deve o Amor ser purissimo, innocente —
O conselheiro diz,

E um ai! d'uma ironia convulsiva
Na conselheira mostra a imagem viva
De quem não é feliz.

Da palavra apossando-se, em seguida,
O conego assevera, em voz sentida:
— O Amor, sim, já se vê
Que, quando é sensual, destroe e mata —
E a donzella interroga timorata:
— Mas... diga-me: — porque? —

A condessa exclamou com voz dolente:
— O Amor ha de ser sempre, eternamente,
Uma doce paixão —
E uma chavena — em quanto isso diziu —
Apresenta, com toda a cortezia
Ao vizinho barão.

Mas havia, na mesa, um logar vago:
Faltava alli o teu celeste afago,
Minha adorada flor!
Ah! se alli estivesses, sberias,
Por entre tão diversas theorias,
Dizer o que é o Amor!

JOSEPH DE ARAGO.



AS NOSSAS GRAVURAS

A CATHEDRAL DE SIENNA

Um dos mais bellos monumentos dos primeiros tempos da renascença italiana foi ha pouco em grande parte destruido por um violento incendio.

O fogo declarou-se na tarde de 17 de outubro. Foi originado por uns operarios imprudentes que andavam concertando a cobertura de zinco da cupula.

Apenas se manifestou, o incendio propagou-se com extrema rapidez, activado por um vento violentissimo. Em poucos minutos a cupula estava toda a arder e o fogo invadia os telhados proximos.

Ape ar dos soccorros que acudiam de todas as terras proximas, até da cidade de Florença, a catastrophe não pôde ser conjurada, e a cupula desabou, arrastando consigo outras partes do edificio.

A cathedral de Sienna, toda construida em marmore branco, cor de rosa e preto, é muito celebre pela riqueza da sua ornamentação. Os maravilhosos *graffiti* de Beccafumi, as madeiras do coro, os altares com as estatuas de Miguel Angelo e de Donatello, a livraria, ornada de magnificos frescos do Pinturicchio e a collecção d'antiphonario, são consideradas como as mais preciosas joias da arte toscana.

Felizmente, que todas estas maravilhas puderam ser salvas, soffrendo apenas uma parte da architectura.

A cathedral havia sido restaurada ha pouco. Tem que se começar de novo. E' apenas uma questão de dinheiro. Da belleza do monumento dá uma perfeita idéa a nossa excellente gravura.

PARIS.—OS NOVOS TRABALHOS DE VIACÃO

A capital franceza está agora soffrendo uma transformação completa, no que respecta a viação publica, não só em trabalhos de viação propriamente ditos, mas tambem por causa das installações definitivas de luz electrica que são todas subterraneas, assim como as telephonicas e telegraphicas.

Uma das curiosidades de Paris é não se ver, em toda a cidade, um unico fio telegraphico. A municipalidade não consente que se colloquem fios aereos. Por esse facto o telephono como o telegrapho são muito mais caros em Paris, do que em qualquer outra capital.

E quando é preciso fazer grandes installações subterraneas, o aspecto de certas ruas é como se vê na nossa gravura, sendo de noite o momento mais interessante para ver estes trabalhos, executados á luz electrica, e que são feitos com rapidez extraordinaria, sem prejudicarem demasiadamente a circulação das ruas.

A nossa gravura representa uns trabalhos de viação, em pleno faubourg Montmartre, a dois passos do boulevard, que mal se descobre ao fundo do desenho.

VICTORIEN SARDOU NO SEU GABINETE DE TRABALHO

Sardou tem sido ultimamente a personagem litteraria na ordem do dia, a proposito da sua nova peça *Gloire*, splendidamente representada em Paris, na *Porte Saint-Martin* pela grande Sarah Bernhardt.

As suas peças são tão conhecidas em Portugal como em França, e a individualidade de Sardou tanto interessa e apaixoa as platéas francezas, como as portuguezas.

São aos centros, os apaixonados de Sardou em Portugal. E' a esses que a *Illustração* offerece um Sardou intimo, um Sardou sentado á banca no seu sumptuoso gabinete de trabalho.

Sardou possui tres casas: — uma em Paris, outra de campo em Marly, outra em Nice.

A nossa gravura representa-o no seu gabinete de Paris, na rua do General Foy, proximo do boulevard Malesherbes.

Em Paris só passa o tempo necessario para se occupar dos ensaios das peças e dos seus trabalhos na Academia franceza. A maior parte do anno passa-o na sua bella propriedade de Marly, nas margens do Sena. E' ali que o auctor dramatico mais trabalha. Em Nice só passa os rigores do inverno, para tratar da sua saude.

BELLAS-ARTES
RETRATO DE REMBRANDT

Não é só o facto de ser uma reprodução do famoso retrato de Rembrandt, pintado pelo proprio, e que per-

tence ao museu de Dresden, o que constitue o encanto e o valor da pagina com que a *Illustração* brinda hoje os seus leitores.

Tambem o valor d'esta pagina excepcional está na gravura, que é uma maravilha, uma obra-prima em toda a accepção da palavra, e que valeu ao seu auctor, o nosso collaborador M. Baudé, a medalha d'ouro na Exposição universal de Paris de 1889.

Não conhecemos gravador que, sobre a madeira, tenha attingido a mestria de M. Baudé. Prova-o mais uma vez a gravura de hoje, onde é conservado todo o brilho, todo o vigor, toda a vida que animam o retrato do famoso pintor flamengo.

Se a nossa *Illustração* tem publicado gravuras dignas de serem encalhadas, esta é com certeza uma d'ellas. Estamos certos de que vac ornar muita sala.

E assim: continuará a *Illustração*, dando aos seus leitores tudo quanto a arte moderna produzir e reproduzir de mais bello e de mais nobre.

NOVIDADES PARISENSES. — O NOVO CASINO DE PARIS.

O novo Casino de Paris é mais uma encantadora casa de espectaculos, como ha nas grandes capitales e especialmente na capital franceza, onde ha de tudo — theatro, concerto, café-concerto, *promenoir*, circo, café, salas de tiro, etc. O novo Casino de Paris, installado no antigo *Skating*, n'um vasto local com entrada pela rue Blanche e rue Clichy, é uma casa de espectaculos no genero das *Folies-Bergères*, mas reunindo tudo quanto a riqueza e a phantasia podem imaginar.

Custou a bagatella de 5 milhões de francos ou sejam 300 contos de reis em boa moeda portugueza.

A nossa gravura representa o grande *hall* do Casino, que é ao mesmo tempo sala para gymnastas, concertos, fogos d'artificio pela electricidade, *promenoir* e café.

D'este *hall* passa-se para o theatro, elegantissimo, tendo todos os aperfeiçoamentos das ultimas installações scenicas. Aqui ha ballados, café-concerto, etc.

O novo Casino foi inaugurado nos ultimos dias de outubro findo. A acção do ballado na noite da inauguração, passava-se na corte de Portugal (1) em pleno seculo xv. Escusado é dizer que se tratava de um Portugal de opera-comica, com as margens do Tejo lembrando a vista que se descobre quando se passa pela ponte do caminho de ferro, para além da Barquinha, a caminho de Castello de Vide.

O novo Casino é hoje o *rendez vous* da moda. A nossa gravura dá uma perfeita idéa da sumptuosidade da installação e ornamentação do *hall*.

Gravuras obtidas por meio do photosphero

A grande distracção da moda é sem duvida a photographia. Em todas as estações balneares de França só se viam este anno os amadores, de objectivas em punho.

O successo photographico coube a um apparelho minúsculo, um verdadeiro *bijou*, pesando apenas 300 grammas e podendo-se dissimular nas mãos. Da clichés relativamente grandes, como se vê pelas nossas reproduções, medindo 8 centímetros sobre 9. Ha igualmente



um segundo modelo medindo 9 sobre 13. Julgamos interessante falar aos nossos leitores n'este curioso apparelho em prata oxydada, que tem por nome o *Photosphère*, e sobre o qual nos tem sido pedidos muitos esclarecimentos.

Sabemos pela *Compagnie Française de Photographie*, 7, rue Solferino, Paris — que é a proprietaria dos bre-

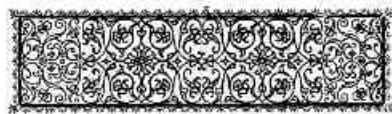
ves, que mais de mil photospheros se venderam durante a estação calmosa. Devemos acrescentar que este apparelho não é um brinquedo, mas um instrumento de



precisão, seriamente estudado na Eschola de guerra e adoptado por muitos officiaes do exercito.

O maneo do instrumento é dos mais simples. O objectivo está sempre ajustado; só ha que escolher o assumpto e carregar n'uma mola. Está concluida a operação. Os clichés são d'uma finura extraordinaria. O apparelho que não der bom resultado, é logo trocado. Os preços dos dois modelos são de 113 e 130 francos, completos com tres *chassis* duplos.

Eis as indicações que podemos dar. De resto, podem pedir mais amplas a *Compagnie Française de Photographie* 7, rue Solferino, Paris, que manda gratuitamente prospectos e provas photographicas.



A ARTE E A INDUSTRIA

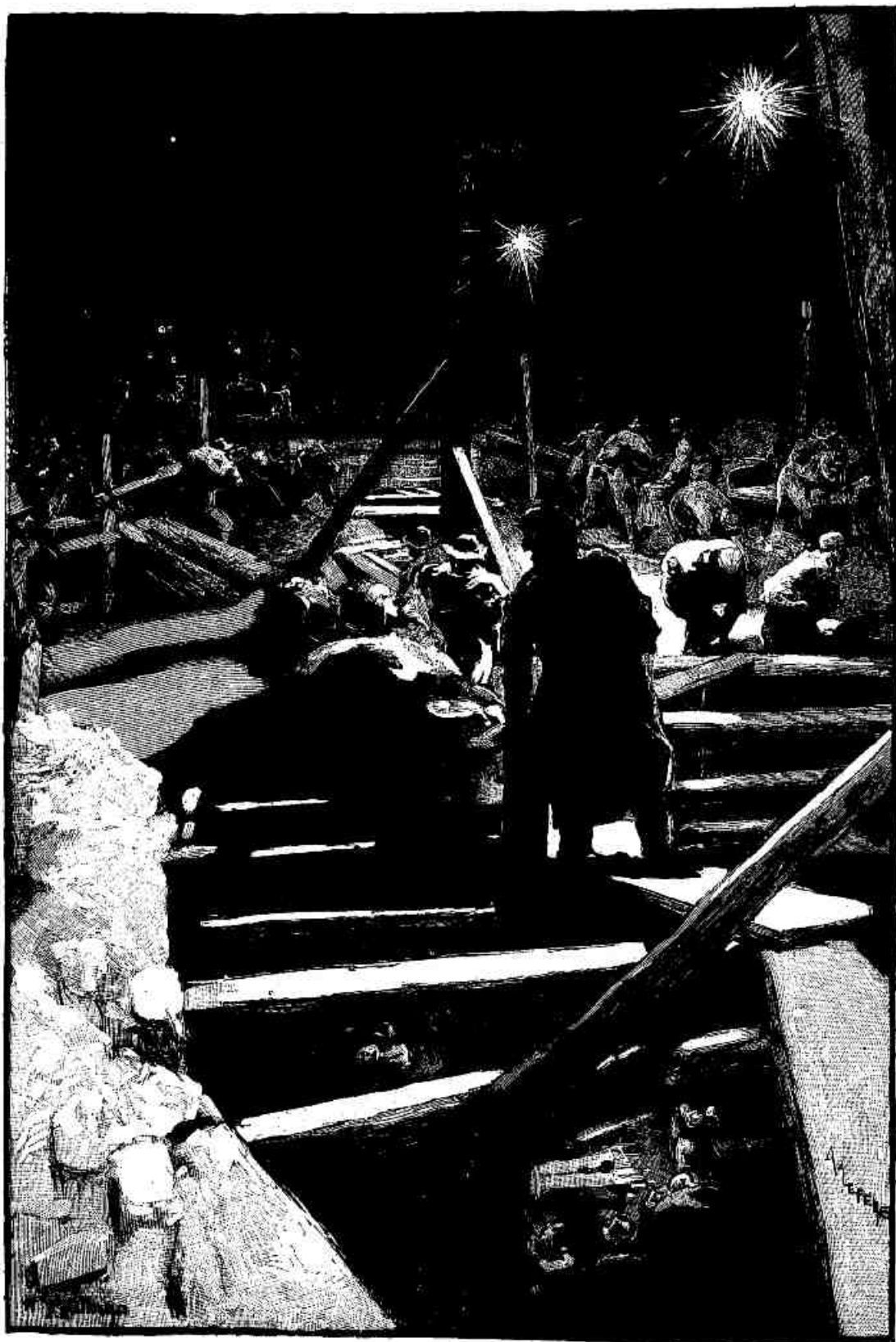
O EXAME dos productos da industria contemporanea revela, com uma desconsoladora evidencia um ponto de vista exclusivamente pratico, material, utilitario, na concepção da obra industrial.

Quando muito, ha, nos productos caros, uma sobreposição d'arte, — ao contrario do que se dava nas grandes épocas artisticas, — na Grecia ou no Renascimento, — em que na propria essencia de todo o trabalho industrial entrava fundamentalmente, um alto e delicado espirito artistico.

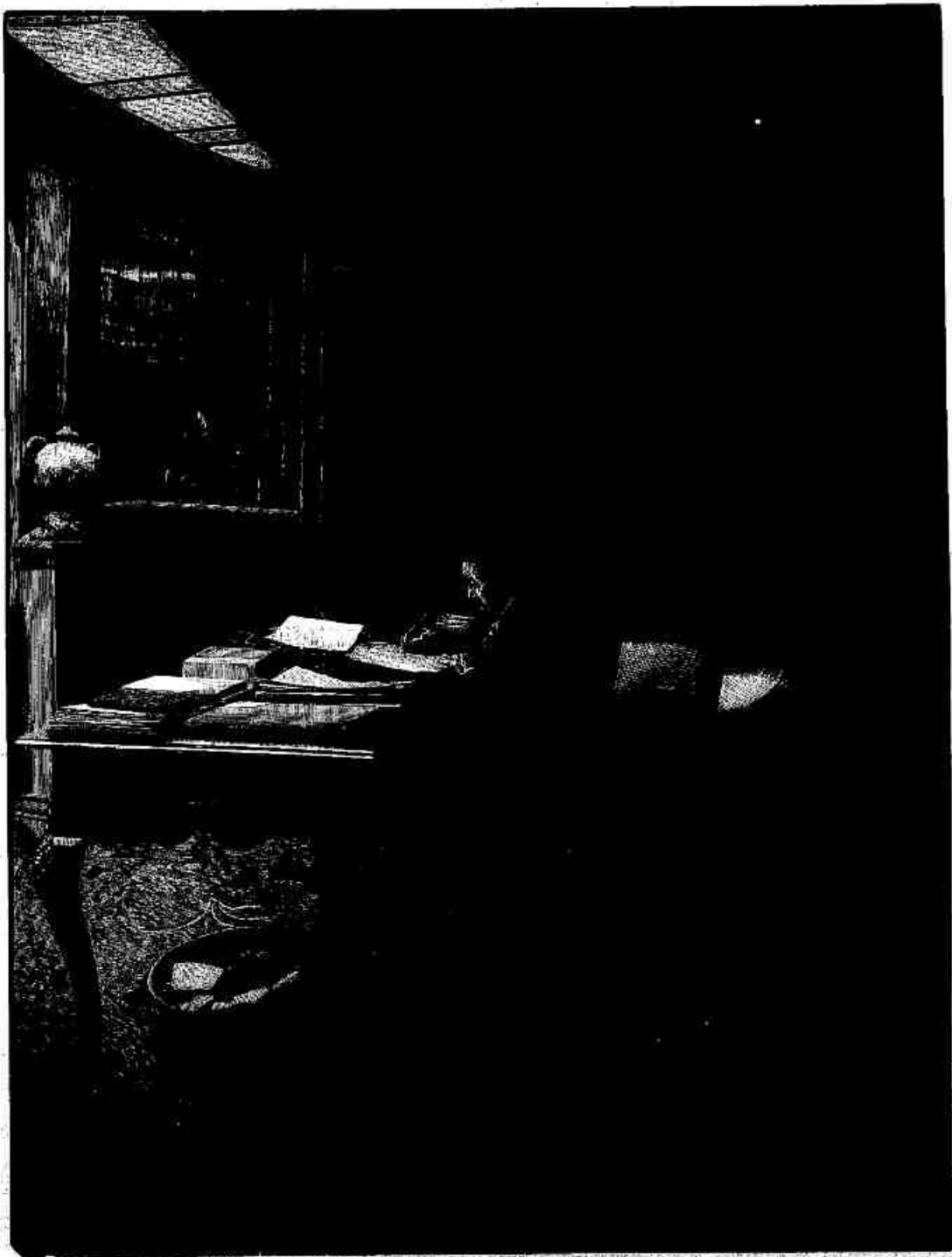
Tornou-se, portanto, accidental, o que era intimo e constante. Um vaso grego, por exemplo, seria indiscutivelmente bello, pela pureza da sua forma, pela sua harmonia, e pelo seu *caracter*, embora fôsse destituído de qualquer especie de ornamentação.

A industria moderna, exercida nas grandes officinas, onde a machina e o trabalho colectivo annullam o individuo como factor exclusivo, responsavel e consciente, — não tem de modo nenhum o *caracter* livre, pessoal, de verdadeira arte que elevava o trabalho na antiguidade, na idade-média e na Renascença. E o tornava um poderoso elemento educativo de quem o exercia, uma origem de mais delicada orientação para todo o ser de quem o praticava.

Na sua casa de trabalho, atormentado só por uma fina exigencia de perfeição, o operario-artista d'esses luminosos seculos trabalhava amorosamente, com a salvadora preocupação de tempo e de custo d'um verdadeiro artista, o producto que devia em muitos casos, assignar, e quasi sempre entregar a



PARIS PITTORESCO. — Os novos trabalhos de ruína.



CELEBRIDADES PARISIENSES. — VICTORIEN SARDOU NO SEU GABINETE DE TRABALHO.

um determinado comprador, que lho encomendara.

Hoje trabalhando para o consumidor anónimo que se chama — o público, procurando a todo o transe vencer a aspera batalha da concorrência, o industrial, — apagada a sua personalidade em face da inconsciência da machina, e da divisão do trabalho por uma extensa hierarchia de operarios. — está sem duvida, notavelmente distanciado do artista, com quem o seu antecessor se confundia quasi.

No producto contemporaneo pode estar a força muscular, a aptidão especialista, a capacidade administrativa, o capital, victoria da mechanica. Não está, porém, em regra, a palpitação d'uma sensibilidade, a emoção communicativa e sincera d'um artista, — no mais vasto significado d'esta palavra. A marca da fabrica substituiu a assignatura do auctor; um registo official, e não a propria essência do artista, honradamente, convictamente realisa da sua obra, torna o producto inconfundivel, garante a sua legitimidade.

Poder-se-ha, contudo, no regimen de agora, apesar da machina e do trabalho colectivo, impessoal, rasgar á industria, — não a desnaturando, — um campo mais largo, uma esfera d'acção mais ampla, uma influencia mais profunda e salutar, do que a estricte satisfação das exigencias materiaes, a que o trabalho industrial tem particularmente de responder? Creio que sim.

E como prova, em lugar de uma serie de raciocínios, um só exemplo, — e de casa.

* *

A olaria, tão característica, das Caldas da Rainha, declinava notavelmente nos ultimos annos. Apenas o brilho do vidro, se poderia n'ella admirar.

Os processos technicos haviam-se tornado imperfeitos: — desaparecera o rigor geometrico, a ponto de não ser facil encontrar um prato rigorosamente circular ou uma vasilha cujo eixo não fôsse mais ou menos obliquo; o desenho era, quasi sempre, d'uma ingenuidade que fazia sorrir, e a côr denunciava, em regra, como a forma, um amavel intento de naturalismo, em briga desigual com o poder de execução.

Aqui tenho eu um pequeno prato verde, dentado, cheio de nozes que, pela côr, mais parecem nespereas, e que tem, na sua disposição, verdadeiros prodigios de equilibrio.

Um dia, Raphael Bordallo decidiu-se a aproveitar os excellentes barro de Leiria; a notavel aptidão, que, através da mais completa ausência de ensino profissional, era evidente no oleiro caldense; o genero ceramico desde muito implantado nas Caldas, e modificado pelas condições especiaes do lugar; e ainda os preciosos recursos decorativos que a natureza e a vida nacional e a tradição artistica do paiz, — tão evidente nas pequenas industrias e nas industrias caseiras, — effectivamente encerram.

Foi, não direi uma transformação, — o que seria inexacto, — mas um progresso brilhantissimo, e profundamente consolador.

Tudo, na velha olaria das Caldas, se tornou correcto, gracioso, decorativo, não perdendo, contudo, o seu caracter, a sua physiognomia, e adquirindo, pelo contrario, um cunho nacional mais vigorosamente accentuado.

As formas das vasilhas multiplicam-se, enriquecem-se com alguns tipos de notavel pureza, pela contribuição das diversas provincias; os motivos ornamentaes tornam-se variadissimos pela observação amorosa e commovida da natureza; pelo exame de quanto ha pittoresco, decorativo, na flora, na fauna, nos utensilios domesticos e agricolas das diversas regiões do paiz; pelo conhecimento, enfim,

de todos os recursos ornamentaes, que a vida portugueza, na sua manifestação mais espontanea, mais genuina, pode oferecer.

E logo nos apparecem, tentadoras, as formosas talhas onde brilham as folhas coriáceas das magnolias, ou girasões põem ridentemente a sua nota alegre, de bonhomia, trazendo ao pensamento um canteiro de jardim, á antiga, com os seus buxos tosquiados em figuras geometricas, e as notas sanguinolentas dos craveiros.

Surgem, captivantes, as mais lindas vasilhas, de origem grega, etrusca ou moirisca, valiosas como documentos ethnographicos, apreciaveis como provas de que nada ha absolutamente, essencialmente novo.

Encantam-nos os pratos decorativos no genero de Polissy, com uma prodigiosa variedade de ornamentações, e com toda a minudente e delicada execução naturalistica das rustiques figures do grande artista da Renascença.

A comparação é na verdade frisante, luminosa, concludente.

Quando, extinto o impulso artistico primitivo, a olaria das Caldas ia degenerando, — revive, brilhantemente, pela dupla influencia redemptora da arte e da tradição.

Tam decerto muito de pessoal, e portanto de intransmissivel, de ephemero, — importa confessar, — a obra de Raphael Bordallo, no tocante á olaria das Caldas. Ha peças que denunciam logo, pela fina e mordente intenção critica, o poderoso caricaturista do Antonio Maria. Dynastias de artistas, como as constituíam os architectos medievales, não são para o nosso tempo, dispersivo, individualista.

Creio, todavia, que não será inteiramente perdido para o futuro o vigoroso esforço de Bordallo Pinheiro, e acredito, pelo contrario, que não constituirá um parentese tão curto como a existência do artista, a renovação que, pelas suas excepcionaes qualidades de decorador, Raphael conseguiu produzir na decadente olaria das Caldas. O que é indispensavel ao operario, para não ser insensivel a essa alta e repercussiva influencia artistica, é a preparação dada pelo estudo do desenho elementar, nas suas applicações á industria.

* *

Não é, portanto, um facto privativo do passado, que devamos recordar com inteira saudade, — como se fôra irrealisavel, hoje, — a intima alliança do trabalho industrial e do espirito artistico, — tão propria, realmente, para manter viva na abatida alma contemporanea, (que vae atravessando uma crise tão singularmente dolorosa e tragica) uma delicada impressionabilidade ás desinteressadas emoções da Arte, e aquelle benéfico desejo de perfeição que algumas philosophias tiveram, outrora, como a pungente reminiscencia ineffavel d'um habital mais perfeito.

Por outra parte, quando a existencia nacional está, como agora, ameaçada, importa, mais do que nunca, reatar a nossa esquecida tradição artistica, ha tanto quebrada, e, contudo, tão gloriosamente assignalada, tão consoladoramente evidente, no seculo aureo em que, pelos feitos admiraveis e decisivos do nosso aventureiro espirito navegador, determinamos o caracter e a directriz da civilização moderna, e, concorrentemente, soubemos fundir, n'um typo característico, as influencias estranhas da pintura, da architectura e da ourivesaria.

Tres ou quatro industrias, tão delicadamente espiritualizadas pela arte, e, ao mesmo tempo, tão enternecedoramente embebidas da nossa tradição, do espirito nacional, como a louça de Bordallo Pinheiro, — e esta desventurosa patria amada havia de triumphar de todas as machinações politicas destructivas da

sua autonomia e da sua integridade, havia de levantar-se incombatiavelmente forte, essencialmente livre, definitivamente victoriosa.

A mais levantada e redemptora das politicas seria decerto aquella que se dirigisse á reconstituição do ensino publico, e, especialmente, á educação das faculdades estheticas, de modo que a obra d'arte conseguisse despertar em muitos espiritos um reconhecido enternecimento, uma calorosa sympathia, um auxilio devotado.

Só a cultura intellectual pode equilibrar uma nação no meio das vicissitudes da politica; só a superioridade das idéas pode assegurar-lhe a autonomia; e só a Arte consegue eternisar civilizações e homens.

Outubro de 1890.

JOSE PASSANHA.

A PASTA DENTIFRICA DE BOTOT

VENDE-SE EM TODAS AS PRIMEIRAS CASAS
E EM SEUS DEPÓSITOS GERAIS DO LA

UNICA VERDADEIRA AGUA DE BOTOT

PARIS — 47, Rue de la Paix, 47 — PARIS



A DOR

A ARTHUR DE AZEVEDO

A dor... a grande dor sem fim de amável...
Luz Declina.

Esta eterna dor que me accomette
E me transfixa o dolorido peito,
Como agudo e finissimo estylete,

Já não me torna o rosto contrafeito,
Não me carrega e fecha o sobreceño,
Nem me põe ferro e proceloso o aspeito.

Conto-a ha muito entre os habitos que tenho,
Pois nenhum bem contra ella me soccorre,
E para a destruir falta-me o engenho.

Cresce dentro de mim, augmenta e morre
Para tornar a renascer! Parece
A noite, que, ao findar o dia, corre

O véo largo, que os mundos escurece,
No firmamento, e, mal reponta a aurora,
Vae-se, fugindo ao sol que resplandece!

A minha voz em queixas não deplora
Já hoje, enfim, a dor, a dor que é fonte
Do mal passado e d'este mal de agora!

Toda em mim se concentra! No horizonte
Se, ás vezes, cravo o olhar embaciado,
Elle arrebenta em lagrimas esponte.

E' que me surge o limpido passado,
De verdes palmas, de festões de flores
E pedrarias fulgidas ornado.

Bandos de cherubins encantadores,
Atados e em phalanges revoando,
A' virgem dos meus candidos amores

Vão a loira cabeça coroando
De virgíneas grinaldas preciosas,
E celestes cânticos psalmodiando.

A profusão dos lírios e das rosas
Desprende e evolva o doce thymia,iam,
Aromando as paragens luminosas!



RETRATO DE REMBRANDT PINTADO PELO PRÓPRIO.

Quadro do museu de Dordrecht. — Gravura de Ch. Bonde.

O firmamento em púrpuras se inflama
Ao redor d'este quadro extranho e lindo,
Que só eu vejo, e sobre mim derrama,

Não o contentamento grande e infundo
Que sempre vem da luz, mas a tristeza,
A que ora vou correndo, ora fugindo!

Infortunio da nossa natureza!
Desejamos um bem que nos arrasta
E é motivo de males com certeza,

E quando o possuímos, a nefasta
Condição da nossa alma o afugenta,
Desejando outro bem, bem de outra casta!

Assim, descrevo a vista lenta, lenta,
Volvendo-a à sombra do presente escuro,
Mergulhando-a na treva lúgubre.

Depois nem fito os olhos no futuro:
Tolhe-me o medo de que acaso aviste
Do meu ideal o templo mal seguro.

Punge-me a dor de novo, e triste, e triste,
Já não sei o que eu quero, e o que eu almejo,
Se o que eu almejo e quero—não existe!

Perto ou longe de mim mais nada vejo;
Esvahi-se de todo a longa fila
Das antigas visões do meu desejo!

Só me occupa esta dor, que me aniquila
E mata, como se um veneno fôsse;
Que me enlacrma a lúida pupilla

E me consola ao mesmo tempo! Doce
E amarga! Mel e fel! Escuridade
E luz!—E' tal a dor que assim me trouxe

Esta tristeza negra, esta ansiedade,
Que ora me dá sorrisos de sarcasmo
E ora prantos e maguas de saudade.

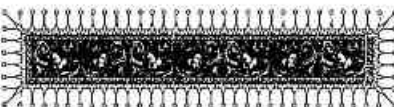
O desánimo seja, o entusiasmo
Seja, seja a loucura enfebreçada,
Ou seja a lucidez, ou seja o pismo;

Tudo vem d'esta dor, em mim nascida
De uma recordação,—que é minha sorte,
Porque esta dor é toda a minha vida!

Porque esta dor é toda a minha morte!

FILINTO D'ALMEIDA.

TSARINE PO DE ARROZ RUSSO
Adiantado, Quente, Inicial
PREPARADO POR VIOLETT
20, Boul' des Capucines, PARIS



JOÃOZINHO

É PEQUENO, magro, e o seu corpo de
creança enfeada e doentia perde-se quasi
nas dobras do fato.

Joãozinho é corcunda; esmaga-o uma enorme gibosidade, curvando-lhe cruelmente a espinha.

O seu rosto pallido, illuminado por dois olhos azues, tristes e meigos, tem a forma alongada peculiar ás physionomias dos enfermos; quando caminha, vae cosido com as paredes, e no seu olhar ha uma expressão assustadica que ainda mais lhe accentua a pequenez e a deformidade.

E, no entanto, Joãozinho não é grotesco: sob aquelle exterior desengaçado adivinha-se um ente affectuoso e bom, a quem a zombaria e a compaixão tem feito concentrar consigo mesmo, mas cujo maior desejo é encontrar alguém a quem se dedique.

E' um d'esses desherdados da natureza, perante os quaes nos sentimos cheios de ternura, e a quem queríamos amar para lhes fazer esquecer um pouco a amargura da sua situação.

Joãozinho tem soffrido muito com essa curiosidade e como que desdenhosa compaixão de que o tem rodeado sempre, e muitas vezes é acommetido de subitas tristezas ao contemplar a felicidade dos outros.

Por mais de uma vez lhe tem pesado o seu papel passivo, e por mais de uma vez também tem erguido a rachitica estatura como para se desembaraçar d'essa corcova que o aponta ao riso. Ergue então a cabeça n'um ar de desafio, e pergunta a si proprio por que não haverá compensação ás suas misérias; por que será que os outros caminham de fronte levantada e olhar scintillante e alegre, e elle vae cosido com as paredes e de olhos no chão.

Essa exaltação momentanea cessava por si mesma, e á noite, voltando a casa, abraçava-se, chorando á mãe, que pensava inquieta em que maldade poderiam ter feito ao seu Joãozinho.

E eis que, de repente, um raio de sol foi reanimar aquella existencia de creança.

João já não tem esses ares desolados que lhe emmagreciam o rosto intelligente, e cláres d'alegria indizível substituem nos seus olhos a expressão de susto com que elle fitava os traseiros.

E' que também elle é feliz.

Perto da casa onde mora, fôram instalar-se duas pessoas — mãe e filha. A mãe trabalha em costura e a filha confecciona flores artificiaes. E' alva e gentil a floristazinha; tem grandes olhos negros, cabellos louros frisados na testa e um sorriso travesso, que lhe faz umas adoraveis covinhas nas faces.

Tornaram-se logo amigas as duas creanças.

Dotada d'essa sensibilidade que todas as mulheres possuem, qualquer que seja a sua idade, Renata comprehendeu que havia uma boa acção a fazer, e com requintada delicadeza dedicou-se a consolar aquelle coração que soffre, a fazer esquecer a Joãozinho os seus pesares e a sua enfermidade.

Elle, que nunca fôra acariciado senão por sua mãe, abandona-se áquella ternura suavemente embriagante e que até alli desconhecia. E todas as noites, a luz discreta do candieiro, ha palestras encantadoras e tagarellices interminaveis, enquanto Renata vae rapida e habilmente fabricando as flores que se lhe assemelham pela frescura que apparentam.

As rosas, os cravos, as papoilas que se accumulam aos molhos sobre a mesa casam com os seus matizes n'uma alegria primaveral: e esta florescencia facticia nascida dos dedos de Renata parece a Joãozinho mil vezes preferivel á que se expande em pleno sol.

Aquelle infeliz, por tanto tempo sequioso das alegrias do mundo achou n'este amor inesperado uma d'essas compensações que embriagam e fazem esquecer todos os soffrimentos.

Que lhe importa agora a indifferença dos mais? Lá está o sorriso de Renata para o reconfortar e consolar.

E João foi-se deixando embriagar cada vez mais, por aquella grande alegria de ser amado. A felicidade fel o passar por uma especie de transformação, e ninguém certamente lastimava agora aquelle corcundinha que segue

tão alegremente o seu caminho, e parece engrandecido pelo amor.

Joãozinho ia morrendo.

Uma noite, Renata, mais alegre ainda que de costume, disse-lhe, estendendo-lhe a mão.

— Tenho uma boa noticia a dar-te, Joãozinho; caso-me d'aqui a tres semanas.

E como elle se ficasse, estúpido, anniquilado, parecendo não comprehender, a rapariguinha, absorvida no seu jubilo e esquecendo o seu papel de anjo consolador, continuou levemente:

— Nunca te tinha falado n'isto, porque ainda não era coisa decidida; mas agora está combinado. O meu noivo conseguiu vencer a opposição da familia d'elle, que me achava muito pobre e chega amanhã. Casar-nos-hemos assim que os papeis estiverem promptos.

E continuou a papaguear, muito contente por poder contar a sua felicidade a alguém; mas, de subito, calou-se.

João empallidecera horivelmente e balbuciava a custo, em voz estrangulada:

— Ah! Casas-te!...

Ella comprehendeu então quanto o infeliz a amava e começou também a balbuciar, sem saber o que dissesse.

Depois, João concentrou todas as suas forças para murmurar em voz quasi imperceptivel:

— E' verdade, tu não podias querer-me.

E vendo-o soffrir, com os olhos rasos de lagrimas, Renata tomou-lhe a cabeça entre as mãos e disse-lhe:

— Sou e serei sempre muito tua amiga, Joãozinho, mas tu bem comprehendes que nós não podíamos casar um com o outro; seria impossivel.

— Porque? — perguntou elle, sempre dominado pela sua idea fixa.

— Em primeiro lugar, porque eu já estava pedida; e depois... porque tu serias muito pequeno para mim, ou antes, — accrescentou ella vivamente procurando sorrir — eu seria muito alta para ti.

E, durante tres semanas, João, fulminado pela febre cerebral, tem-se debatido em pesadelos horribes.

O marmore do fogão está cheio de frascos de todos os tamanhos e feitios que espalham pelo aposento um acre odor a pharmacia.

Desde o começo da doença a pobre mãe ainda não descançou e os seus olhos secaram de tanto que chorou durante as longas vigílias, ao pé do leito do seu Joãozinho.

E que esteve realmente em perigo o pobrezinho, e o doutor, que lhe fazia duas visitas diarias, muitas vezes abanou a cabeça ao retirar-se.

Mas foi-se o perigo; João está salvo. Esta manhã abriu os olhos mortuos e ficou-se inerte, feliz de se sentir renascer.

Pela janella aberta entram aromas deliciosos de flores e de verdura; nas arvores carregadas de folhas, a passarada pipilante parece cantar a volta da primavera.

Depois um repique de sinos atrôa alegremente os ares e João, applicando o ouvido, recorda-se vagamente e procura reconstituir a scena cruel que o arremessou ao leito.

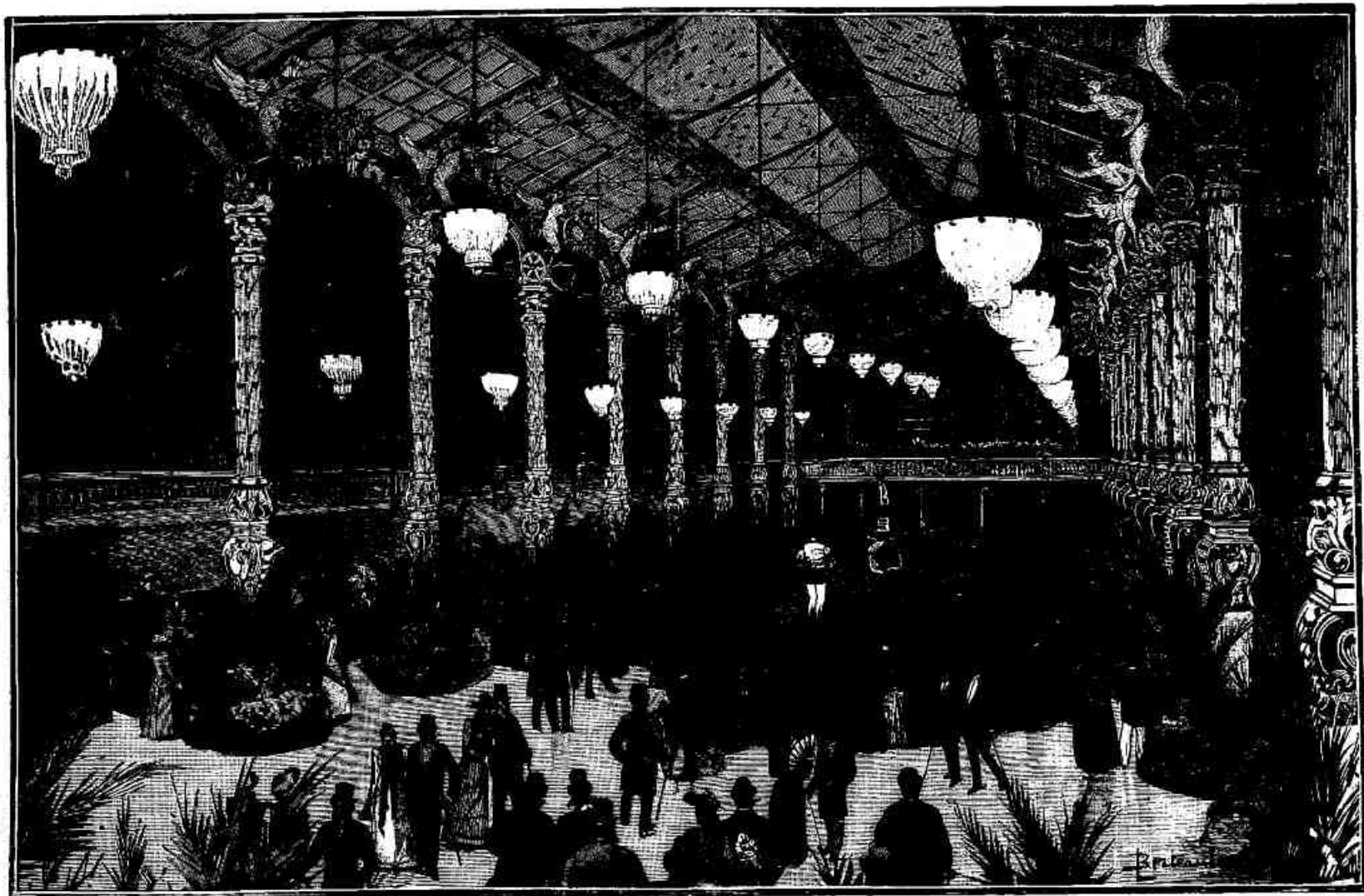
E, n'uma voz debil como um sópro, pergunta:

— Minha mãe, ha quanto tempo estou eu doente?

— Ha tres semanas, filho...

— Tres semanas... E' isso.

Ao lembrar-se das suas illusões bruscamente derruidas como um castello de cartas, acode-lhe um soluço á garganta, cinge-se contra



NOVIDADES PARISIENSES. — O NOVO CASINO DE PARIS.



toilettes. Quanto ao chapéo, guarda-se o chapéo alto, de sêda; o chapéo baixo, molle ou duro, só se usa no campo.

Ainda ha muito pouco tempo, as senhoras não caçavam: o numero das Dianas era muito restricto. Seria por sensibilidade, ou simplesmente porque não era moda? Não sei. O que é certo, é que hoje em dia todas as senhoras caçam.

As senhoras que vão à caça podem dividir-se em duas categorias. Temos em primeiro lugar aquellas para quem este passatempo é apenas um pretexto para passeio e distracção. Para estas, o que deve guiar-as na escolha d'um costume, é o genero da sua belleza. Encontrarão graciosas phantasias nas creações do theatro, nas phantasias de caça que inventam as actrizes de Paris. Pouco praticas, mas encantadoras.

As de segunda categoria, as verdadeiras, as sérias, as que caçam por caçar, tem outras preoccupações com a sua toilette. Não a coquetterie, mas a commodidade, eis o que procuram sempre na escolha d'um costume de caça. Assim, por exemplo, usam sem hesitar a calça de zuavo, a unica absolutamente pratica, e a pequena blusa de zuavo com pregas.

As snias, para as senhoras que não



A MODA PARISIENSE

Na minha ultima chronica, a proposito do *Acquettin*, fallava-lhes do interesse que estão tendo no mundo feminino os exercicios do corpo.

Na nossa epocha, entre estas, a equitação faz parte da mais cuidada educação.

Uma dama elegante, cansada do chapéo alto, como complemento obrigatorio da toilette para cavallaria, teve a ideia de adoptar o grande chapéo desabado, á Rubens, adornado de longas plumas frisadas cahindo para o pescoço. Era encantador, mas impossivel de se usar. Em primeiro lugar, este adorno tornava ridiculo o futo amazona simples e lizo, tal como o usamos hoje. Este chapéo emplumado, não podia harmonisar-se senão com os ricos costumes do seculo XVI ou XVII, tecidos de velludo ou de brocado, guarnecidos de ouro e de rendas, com um grande collarinho Anna d'Austria, ou com uma gargantilha Henrique II. Mas o nosso seculo tão pratico, não comporta estas sumptuosidades d'outras eras.

Pobres fados entrevistos n'um sonho, voltae para o esquecimento! Conservemos, até nova ordem, as amazonas taes quaes são actualmente, isto é, simples, lisas e curtas, com um corpeto genero d'alfayate, ou, durante os dias de inverno, com o casaco de loutro ou o *dolman* de artilheiro, e que uma ligeira modificação adapta tão facilmente ás nossas



podem conformar-se com o costume masculino, são curtas e caem direitas.

A blusa, muito comprida, amplae com pregas, dissimula igualmente as fórmas. Para a cabeça, usase o chapéo tyrolez de feltro, ou o chapéo molle de velludo.

Já appareceram algumas novidades, e as parisienses começam a impôr as grandes modas para o inverno de 90-91. Vamos dar algumas indicações.

A *jaquette* faz-se muito comprida e as abas puchadas para a frente, com muitos bordados e soutaches.

Pelliça de pelerine, collarinho Medicis, e paramentos de astrakan.

Redingote de sêda, abas puchadas, golla e paramentos de pelles. Pelliça de velludo azul guarnecida de passamanaria e marta zibelina; este costume é elegantissimo.

Os tecidos na moda são, além do panno, que faz furor e que se ha de trazer por toda a parte, na rua e até no baile: o velludo pekim, e as lãs rugosas para saias de pouca toilette.

A moda continua a ser simples nas suas fórmas, mas muito complicada nas guarnições e enfeites.

Uma nova pelle apparece no horizonte: o castor branco.

E por hoje mais nenhuma explicação. Esperemos pelo fim de novembro e primeira quinzena de dezembro, para ver com que nos deslumbra as parisienses.

MARIA DE CAMORS.

a mãe, como se quizesse refugiar-se n'aquella ternura a toda a prova, e murmura:

— Ha de amar-me sempre muito, sim, minha mãe?

E enquanto a pobre mulher chora, cobrindo-o de beijos, elle continuava, tambem lavado em pranto:

— E nunca me acharei muito pequeno pois não?

Ao longe, os sinos continuavam repicando numa expansão de alegria e d'esperança; e aquelle repique parece ao Joãozinho um do braço de finados no funeral do seu bello sonho, que se extinguiu para sempre.

FRANK CAROIT.



PAIZAGEM NOCTURNA

Tinha cabido a noite em volta da abbadia, Negra, silenciosa e cheia de tristeza. Calaram-se de ha muito o melro e a cotovia; Começava a cantar o macho na deveza.

Abriam-se na sombra os calices das flores, Urmas a trasbordar de essencias perfumadas, E a aragem, ao passar, enchia de rumores Os largos milhares murmuros de levadas.

Chegava-nos de longe o aroma dos pinhaes Junto com o soluço abafado das aguas, Que vinham marulhando entre os cannaviaes Como o longo desfilar de um rosario de maguas.

Ouviam-se gemer brandamente as guitarras Em longas vibrações cheias de doce encanto; E no meio da noite os raios e as cigarras Lançar ao desafio o seu eterno canto.

Então surgiu a lua ao fundo do horizonte, Derramando em silencio as ondas do luar Sobre as flores do campo e os abetos do monte, Como um vasto lençol de luz crepuscular;

Mas não era o luar nevado e scintillante Que envia a lua cheia á terra adormecida, Branco aluminio fluido, ou pó do diamante, Eburneo e casto véo de opala diluida.

Era um pobre luar, tristonho e desmaiado, Cheio de pulchreza, sem brilho, macilento... E a lua parecia um topazio engastado No azul de uma saphira — o azul do firmamento.

ANASTAS PINTO.



NOTAS A LAPI

PASCAL é um Hamlet atormentado e sombrio, tendo por Ophelia a Verdade, perturbadora noiva enigmatica, a quem elle, faminto de beijos e trémulo de escrupu-

los, balbuciava hesitando: — «Faze-te monja, faze-te monja!»...

Um dia esse grande mergulhador do infinito accendeu a sua lanterna, tomou-a na mão, e, erecto e pallido, a fronte audaz e o olhar rutilante, baixou ao Abyssmo.

Mais rapido que um raio, desceu, desceu, desceu vertiginosamente, — epico e soberbo! — turbilhões monstruosos e convulsos de espiraes ululantes. Sem medo e sem pavor, o olhar alivo e a lanterna na mão, através de phosphorescencias de meteoros, de brazeiros de soes e de estampidos de globos, elle descia triumphal, descia orgulhoso, descia heroico, como um anjo rebelde. As caudas chammejantes dos cometas crestavam-lhe de quando em quando os cabellos esparsos, ou uma lufada tragica de cyclone sacudia-lhe de chofre a lanterna oscillante. Embora! Bello como Prometheu, marmoreo como D. João, elle ia descendo, descendo, descendo, e aos arcaes resplandecentes de mundos portentosos e feericos, côr de rubis, de topasios, de esmeraldas, de saphiras, de perolas ou de carbunculos, succediam-se, já vastidos de treva e de silencio como que steppes de Monte, charnecas de Eternidade, baldios de Infinito, já immensos espaços immoveis e lunares, banhados de uma doce claridade leitosa, esvañida e fixa, sideral e dormiente. De quando em quando, n'um mar morto de sombra encontrava archipelagos de nebulosas, cardumes agglomerados de embryões de planetas, de ovulos de soes, de milhares de mundos.

Já a lanterna lhe bamboleva no braço e já um suor frio, um suor de angustia, lhe escorria da fronte. Mas no entanto, perplexo e livido, continuava descendo. E quanto mais descia, mais o abyssmo augmentava. A pyrotechnica deslumbradora das estrellas cegara o quasi, os ouvidos zumbiam-lhe oppresso e desegual. Anciado e trémulo queria retroceder, volver atraz, sahir d'aquelle poço caliginoso e rutilante, que não tinha termo, que não tinha fundo. Mas os olhos cerravam-se-lhe vidrados, e do braço inerte pendia-lhe a lanterna, bruxuleante e purpurea, como uma lagima sangrenta. E, automato sinistro, aguia moribunda, descia sempre, descia sempre, em circulos estonteados e subterraneos.

Subito uma ventania de morte, como uma aza enorme de morego, enregelada e negra, apagou-lhe a lanterna. Soltou um grito, cerrou os olhos, e inconsciente e exaume, branco como um sudario, continuou a cahir, a cahir no abyssmo eterno.

A borda do abyssmo appareceu então uma velha gigante, magra e cadaverica, misto de Macbeth e de feiteira, os cabellos brancos, raros e curtos, coroados de hebeleboro, o gesto torcionario, o olhar vagabundo, e um rictus infame, de carnaval demoniaco, na bocca quasi apodrecida de caveira. Debruçou se, mergulhou no abyssmo o braço interminavel e descarnado, e com a mão ganchosa, de harnia e de esqueleto, agarrou pelos cabellos o corpo exaume do metaphysico, puxou-o acima, e depois de o fitar um instante, sempre com o mesmo rictus macabro, atirou com elle indifferentemente para a banda, como um polichinello que se partiu, um triste manequim que se desarticulou. E depois foi se embora ás gargalhadas, a rir muito, a rir, a rir, a rir...

Chamava-se a Loucura, esse demonio d'essa velha.

Foi então que alli chegou Voltaire. Pôz-se a olhar tranquillamente para o abyssmo, com uma curiosidade aguda e perspicaz.

Atirou-lhe uma pedra. Ficou á escuta meia hora, e, não a sentindo cahir, observou:

— E' muito fundo!

Meteu-lhe a mão. Tirou-a gelada, ponderando:

— E' muito frio!

Em seguida, de luneta no olho, deu um passeio de quasi um seculo á roda do abyssmo infinito, assobiando sempre.

De quando em quando, para se distrahir, cuspihava-lhe dentro!

GUERRA JUNQUEIRO.



THEATROS

A SEGURAR a queda da *Lucta pela vida*, a empresa do theatro de D. Maria levou á scena uma peça allemã, de Blumenthal, *Os Fomeiros do Inferno* se chama essa comedia que os srs. Moure Cabrell e Frolius Bracco vertem da tradugão italiana para a nossa lingua.

Foi a ao que subiu á scena esta comedia. Exactamente quando mais accosa ia a guerra entre os que pleiteiam foros de artistas no theatro, e os que, pela envergadura muscular e pelos exercicios de destreza, artistas se consideram nos circos onde fazem canchinas financeiras.

Cahi redondamente.

Não parecia a alguém que a quem escreve estas linhas hajá sido de agrado o ver nas platéas dos theatros tres ou qua no doentes do fígado, e um ou dois vencidos da vida. Tal não succedea, nem, com a ajuda do Deus Poderoso, virá a succeder. Simplemente, correndo os theatros da illustre cidade de Ulysses e de granito (em cabeças), senti uma impressão unica e foi que as empresas dos Coliseus sabem do seu officio. Deante d'esta conclusão, a que não ha fazer sophisticadas contraprovas, desvaneceu-se em meu espirito qualquer sombra de duvida ou apprehensão sobre a causa da debandada dos frequentadores de D. Maria, Trindade, Gymnasio e Rua dos Condes.

Ha um publico para cada um d'estes theatros, ou pelo menos uma regular maioria dos seus respectivos frequentadores é certa; mas não tanto, que os ter constantemente novidades nos Coliseus, vá ouvir o *Comissario de Policia*, que pela centesima vez o a maturação de graça, e aquella distincta madame. Engraças suas prehistorias canchinas, em verdade enciçadas, mas que já cancam.

E tanto assiste, ao que digo, algo de razão e de aviso do conselho, que não nos consta que no theatro do Principe Real haja cabido o raio, que, nos seus semelhantes no cultivo da arte dramatica, quasi de morte feriu. E' que o publico d'aquella casa tem tido o que a sua completição pede: o bello *Jorge o Vagabundo*, e a grande e tempestosa declamação do sr. Alvaro. Enquanto assim não pensarem os demais empresarios; enquanto accusarem o publico por os abandonar e não evidarem maiores esforços para o chamar aos seus theatros; enquanto apresentarem o scenario de ha vinte annos em peças remocadas e retocadas pelos primeiros pinta-mãos á mão; enquanto assim proseguirem dando gato por lebre; terão que lamentar a má epocha, que esta é, para os seus interesses, mas a sós, pensando na arte em que trabalham, e no gósto que pretendem educar, hão de convir comigo que o lisboeta, embora facil de contentar, tem jus a um theatro mais theatro e menos loja de liquidações.

Depois, um pouco avelhantados estão os galans que por ali pullulam, e as pernas quebaram, do horror dos janicos, as ingenuas e lyricas damas dos nossos palcos.

Isto tudo é rude, e dicto sem agrado para suas senhorias de um e outro sexo, mas convem que se afaçam a esta maneira de falar, que se origina da mesma causa que os traz tão desprotegidos na venda dos seus bilhetos.

O que vac escripto, bom'ho contrario de se inspirar em sentimento de malvolencia, nasce de um grande amor ao theatro portuguez, pobre de artistas, falho de auctores e pouco favorecido pelos governos. Mas esse

mesmo amor ao theatro não chega a ponto de me cegar, nem me levaria jámal a solicitar, isolada ou collectivamente, medidas de rigor para os circo, no intuito de proteger a arte nacional. Este intuito, effigura-se-me servil o melhor, de maneira bem diversa. Subsídios para os theatros e guerra aos circo, pode ser tudo quanto queiram, menos leal concorrência. E o theatro, com o ser arte, não deixa de ser industria, e n'esta condição a sua livre exploração seria o nosso dogma.

A arte, fora dos odios e das rivalidades mesquinhas, exigiria a nossa primeira actriz, a grande Lucinda Simões, ao lado de Brazão, Augusto Rosa e João Rosa, formando-se em D. Maria uma escola de arte dramatica, aberta a todas as vocações, e não um centro de dandysmo theatral e de fomentação de vergonhosas questionculas e de preferencias infundadas.

Pelos nossos pulcos, actrizes e actores novos seguem, desorientando-se uns, á falta de mestres, desaprendendo outros na supposição de crear *claque* com *ficelles*, arrebiques e pretenções tresloucas. Pois d'entre esses transviados, julgo, cumpriria recrutar artistas, que se formariam com os ensinamentos dos que valem já hoje, e cujas aptidões em *doubleurs* e substituições se aquilatariam.

Passarei a dizer o que se me deparou do valor dos *Penedos do Inferno*, e do seu desempenho.

A peça, feita para um publico bem outro do de D. Maria, difficilmente se poderia condunar ao gosto dos frequentadores d'aquelle theatro, fleccionados á comedia franceza, viva e urdida de episodios d'as em meio não tão extranho á sensibilidade portugueza. Demais, o valor intrinseco dos *Penedos*, se é que no original tem algum, perdeu-se na versão, de todo em todo.

Seria longo e estopante fazer desfilhar deante de quem me lê as scenas inverosimil e desproporcionadas d'aquelle extravagante *pochade*. Baste, porem, citar,—oxalá que não recordar!—uma só d'essas phantasmagoricas creações do auctor ou dos traductores. E' a entrevista proporcionada por Leonilde (Amelia da Silva) aos dois namorados Emma (Umbellina) e Theodoro (Ferreira da Silva). Emma tem suspensas de Theodoro, e quando este se quer justificar, a senhora Leonilde da Costa, olhar despedindo raios, sorriso nos labios, a reprimir uma formidavel gargalhada, indica-lhes attitudes comicas: elle, réo, no banco dos ditos; ella, delegada do ministerio publico, tendo por pulpito as costas de uma cadeira. Agora a verei, a senhora Emma da Conceição, automaticamente e sublime, a phonographar um discurso, com philosophia do amor e mais partes.

A senhora Amelia da Silveira, ouvida a defesa do réo, com grande commoção geral, descobre uma lagrima ao canto do olho do encantador Theodoro. *Talvez!* Congracem-se os namorados, por entre risadas nhas da senhora Amelia e jubilo dos povos.

Uma delicia, como vêem, que o archivo de D. Maria devia intacta deixar aos nossos vindouros, esta commedia! O desempenho, salvo, aqui e alli, Augusto Rosa e Ferreira da Silva, é um desastre de ordem superior.

A senhora Amelia da Silveira, Joaquim Costa e P'nhireiro pouco melhor andaram do que mal.

O papel de general da *bomba*, que decididamente não é dos que mais a caracter cabem ao actor João Rosa, foi contrafeito, cheio de *trucs* e de artificiosos effeitos procurados pelo artista, a quem certamente não falta a comprehensão, mas que se viu de tal modo deslocado que parecia um dos secundarios do Principe Real, bracedando mais do que a um general, mesmo de farsa, se pode tolerar em um theatro que tem seus ares de classico na interpretação dos papéis e seu desempenho.

De Baptista Machado, somente direi que o seu exagêro é correntio. A mesma graça que em todos os seus papéis o indigena admira e celebra, foi a que nos forneceu com toda a sua *gaucherie*: desenvolta e aquella no-

O NACIONAL

JORNAL DA TARDE

POLITICO, NOTICIOSO, ABSOLUTAMENTE INDEPENDENTE

Collaborado pelos principaes escriptores do nosso paiz

DIRECTOR: MARIANO PINA

Feito sobre os ultimos modelos da imprensa europeia; dirigido por quem, durante muitos annos, fez a sua aprendizagem jornalística em Paris; fora da influencia de qualquer partido politico; dando inteira liberdade de critica aos seus collaboradores politicos e litterarios... O NACIONAL procurará ser no nosso paiz o que poucos jornaes tem podido ser—um jornal **absolutamente independente**, orgão de todas as correntes e de todos os sentimentos da opinião publica.

Para conseguir este fim, terá francas as suas columnas a todos quantos desejem defender e sustentar uma idéa quando ella for justa e patriótica. As suas columnas não serão o exclusivo das idéas d'este ou d'aquelle grupo. Serão uma tribuna livre, onde todos dirão o que sentem e o que pensam.

PREÇO DA ASSIGNATURA

Lisboa — Mez, 300 reis. — Trimestre, 900 reis. — Semestre, 1,800 reis.

Provincias — Mez, 400 reis. — Trimestre, 1,200 reis. — Semestre, 2,400 reis.

Numero avulso — 10 reis

Escriptorios de O NACIONAL: — Rua Ivens, 20, Lisboa. Toda e qualquer correspondencia deve ser dirigida ao seu Director.

tavel desenvoltura *panche*, que tão admirado o torna como actor-auctor e homem de espirito.

A interpretação foi má, o o desempenho fora do habitual n'aquelle theatro.

E' para lamentar que se acceptasse a comedia *Os Penedos do Inferno* no nos-o chamado templo da arte dramatica, mas menos não é de espanto que, pondo-se em scena taes desconchavos, se exija benevolencia e acolhimento amigo do mesmo cidadão que assim se desconsolava.

Aqui tem os amigos uma verdade, que mais facilmente se encontra do que um homem ao meio dia. A' meia noite a nda seria possivel topar o senhor Colares Pereira, desferindo raios daslentes das lunetas fumadas, com aquella auctoridade que o actor Costa tanto respeita quando se acha em scena. Mas de dia!... De dia não ha abaloamentos possiveis com homens; so se encontram verdades, n'esta terra de meitiras.

JOSÉ BARRO A.

O Oleo de ligado de bacalhao de Hogg é melhor do que as emulsões e do que todos os oleos que se acham no commercio. Os medicos de todos os paizes prescrevem o oleo Hogg que se vende em frascos triangulares nas Boticas. O oleo Hogg obtve a mais elevada recompensa na Exposição de 1889 em Paris. (Ver nos annuncios.)

SUSPENSORIOS MILLERET, elasticos e sem passadeiras. *Le Gonidec*, 13, r. Etienne-Marcel, Paris.

A nova instalação da Perfumaria Oriza L. Legrand 11, place de la Madeleine, Paris (antes da rue Saint-Honoré, Paris) é verdadeiramente uma das mais luxuosas. Cada dia, das 4 horas ás 7 da tarde, os armazens convertem-se em verdadeiros salões onde se dá *rendez-vous* a boa sociedade de Paris, para adorar as ultimas descobertas dos productos da casa, entre os quaes os mais afamados são as essencias de *Mimosa* e de *Bouquet Lyopja* para o lenço, assim como toda a perfumaria "Oriza à la Violette" do Cesar.

Todos os perfumes solidificados, inventados ultimamente por M. Raynaud e que são em numero de *doze* perfumes deliciosos, sob a forma de lapis e de pastilhas, estão tambem muito em voga. Com estes perfumes basta esfregar ligeiramente sobre os objectos, para os perfumar instantaneamente. Pegam o catalogo circumsustanciado ao sr. L. Legrand, 11, place de la Madeleine, Paris.

Companhia Nacional Editora

50, Largo do Conde Barão, Lisboa

Typographia, Rua da Rosa, 300, Lisboa

BIBLIOTHECA DO POVO

E DAS ESCOLAS

A 50 REIS O VOLUME

Cada serie de 8 vol. encadernados em percalina..... 3500

Estão publicados 186 vol. tratando cada um da sua especialidade

MARROCOS e CONSTANTINOPOLA

Descripções da viagem

Por EDMUNDO DE AMIGOS

Outras esplendidamente illustradas com cerca de 400 grav.

Tradução de PINHEIRO CHAGAS

Está publicado o 1.º vol. — MARROCOS, o em coe.

ludo o 2.º — CONSTANTINOPOLA.

Preço do 1.º volume, brochado..... 3500

Encadernado com feltro duravel..... 4800

O RHOTOSPHÈRE

Breveté
S. G. D. G.



A photographia pelo PHOTOSPHÈRE, trata-se pratico de photographia instantanea. 4 prontos fizes de teste. Mandar ao franco contra 1 £ 10 em valle de correio ou sellos.

C^{ie} FRANÇAISE DE PHOTOGRAPHIE

PARIS. — 7, rue Solferino. — PARIS.

O PHOTOSPHÈRE. — Este apparelho d'uma construção e d'uma forma absolutamente novas, dá resultados d'uma perfeição absoluta. Tem um peso muito ligeiro (350 gr.) e é todo construido de metal prateado e oxydado. As provas obtidas são da dimensão de 8 cent. sobre 9. O apparelho está sempre prompto para funcionar. Não é preciso nem armal-o, nem metter-o em ficio. Escolher o assumpto na mira e carregar n'uma alavanca, e a operação está feita. Pode-se operar durante a marcha d'uma carruagem ou d'um canilho de ferro, ou quando se vá a cavallo. Muitos officios possuem já este apparelho.

Preço do Photosphère com estojo de cabeçal, mira e tres chassis doubles, 145 francos.

Cada chassis supplementar, 30 francos.

Cada duzia de placas 8 x 9 1/4 fr. 75.

A LAMPADA PHOTOSPHÈRE é um pequeno apparelho por meio do qual se pode fazer a photographia instantanea na escuridão, ou em qualquer sitio privado de sufficiente luz. Basta acender esta pequena lampada, apertar a borriçagem seccamente, e produz-se um relampago tão vivo que a placinha impressora dá e produz um magnifico cliché.

Preço da Lampada photosphère contendo 30 cargas, 15 fr. Cada pocote de 30 cargas, 4 francos.

LAMPADA PHOTOSPHÈRE

Breveté
S.G.D.G.



GUERLAIN DE PARIS

15, rue de la Paix — ARTIGOS RECOMENDADOS



GRANDES ARMAZENS DO

Printemps

NOVIDADES

Envia-se gratis e franco

o catalogo geral illustrado, em portuguez ou em francez, contendo todas as novidades para a ESTACAO de INVERNO a quem o pedir em carta devidamente franqueada e dirigida a

MM. JULES JALUZOT & C^o PARIS

são gratuitamente enviadas franco as amostras de todos os tecidos que compoem os immodicos sortimentos do **PRINTemps** especificando-se bem os generos e os preços.

Expediente para todos os paizes do mundo. Este Catalogo indica as condições para a expedição.

Correspondência em todas as Linguas. CASA DE REEXPEDIÇÃO EM LISBOA:

* TRAVESSA DE S. NICOLAU 302-4.

ORGÃO D'ALEXANDRE
Père et Fils
106, rue Richelieu
PARIS

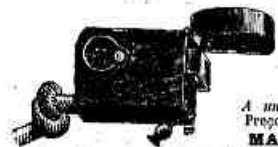
MEDALHA D'ORNO
1889

MEDALHA D'ORO
1889

ORGÃO
DE MÃOS
NOVO
Força mediana

ORGÃO-HARMONIUM
NOVO (100 FALSOES (5 LINHAS)
e 5000 FALSOES (200 LINHAS)

EXPEDIENTE FRANCO A QUEM O PEDIR
o Catalogo illustrado



Manda-se prospecto explicativo a quem o pedir por carta franqueada.

ESPARTILHOS
LÉOTY
adoptados pelo
high-life
parisiense.
5, P. de la Madeleine
PARIS

BELLEZA DO ROSTO
— SAIT ANTHERÉZIQUE —
O LEITE ANTEPHELICO
puro ou misturado com agua, dissipa
SARDAS, TIZ CRESTADA
PINTAS-RUBRAS, BORRULHAS
ROSTO MARABUENTO
E FARIACAO
RUGAS
Limpia e conserva a cutis liza e clara.
CAMPES & C^o 21, rue de la Paix, 18

PILULAS de PEPSINA
DE
HOGG
Pharmaceutico
EM PARIS
2, rue de Castiglione

1.ª PILULAS NUTRITIVAS
de Pepsina acidificada contra as
afecções gastralgias, dispepti-
cas, etc., e nos casos em que a digestão
é difficil ou impossivel. — 5 Fr. o
frasco de 100 pilulas, 3 Fr. o mole frasco.
Dose: 2 pilulas antes e depois das refeições.

**2.ª PILULAS de Pepsina e de
Ferro reduzido pelo hydrogênio**
contra as molestias chronicas e as
afecções que dependem dellas (perda
branca, cores pallidas, menstrua-
ções difficil) e para fortalecer os
temperamentos debilitados. — 4 Fr.
o frasco, 2 Fr. 50 o mole frasco.
Dose: de 2 a 4 pilulas por dia pela manhã e a noite.

**3.ª PILULAS de Pepsina e Iodo-
reto de Ferro** contra as molestias
acromiásticas, lymphaticas e syphi-
líticas, a phthisica, a cachexia
chlorotica e as afecções atonicas
geraes da economia. — 4 Fr. o frasco,
2 Fr. 50 o mole frasco.
Dose: 2 a 4 pilulas por dia pela manhã e a noite.

Elas tres series de pilulas são prescriptas
diariamente pelos mais savellosos medicos.

REPOSITO nas principaes PHARMACIAS do BRASIL

FUMADORES
CACADORES, PESCADORES, VIAJANTES, etc.,
NÃO SE SERVEM SEM A L'ÉCLAIR

"L'ÉCLAIR"
A unica verdadeiramente pratica e duradoura
Preço: 2 Fr. 75 franco contra um vale do correio
MARTAIN, 19, rue d'Enghien, Paris.

Mudança de Domicilio

PERFUMARIA-ORIZA

L. LEGRAND, de PARIS

11, Place de la Madeleine, (antes 207, Rue St-Honoré) PARIS

PRODUCTOS RECOMENDADOS

SABONETE ORIZA MACIO
CREME-ORIZA
ORIZA-LACTEO
ORIZA-OLEO
ORIZA-TONICA

Belleza do
rosto.
Ação das
Cabellos.

ORIZALINA, Unctura instantanea
ESS-ORIZA, de todos os perfumes
ORIZA-HAY, agua de tocador.
ORIZA-POWDER, pó de arroz
ORIZA-VELOUTE.

Ultima Novidade

Productos especiales De VIOLETTE de GEAR

ESS-ORIZA SOLIDIFICADO, de bacia da forma de Lapis e Pastilhas de 12 Cabellos.
A varejo em todos os cabellos e casas de Perfumarias.

CAUTELA COM AS CONTRAFACÇÕES

CALLIFLORE PATE AGNEL

Flor de Belleza

POR ADHESIVOS E INVIDEIS

Offaga-se novo modo porque se asseguram entre
pós emulsiões na roda uma maravilha e delicada
ação e deixam um perfume de exquiza variedade.
Além das brancas, do notavel purca, ha outras do
quatro matizes diferentes, húctil e rosa, dando o
mais pallido até ao mais colorido. Poderá pôr cada
pessoa escolher a que mais lhe convenha ao rosto.

Este excelente Cosmético branqueia e
amacia a pelle, previne a do Cielro,
Irritações e Comichões tornando-a
avelludada; pelo que respeta ás mãos
da solidez e transparencia de unhas.

AGNEL, Fabricante de Perfumes, em PARIS
FABRICA & EXPEDIENTES: 16, AVENUE DE L'OPERA

E nos suas Sete Casas de venda por todo nos ditos mais ricas de Paris.
LISBOA. — MM. V. de CARVALHO José da Silva e P. rua Nova do Carmo, 65 e 71.

Em todos os Perfumistas e Cabelleiros
de França e do Extranjero

VELOUTINE
Fé d'Arros
especial
PREPARADO COM HEMUTRO
Por CH^o FAY, Perfumista
8, rue de la Paix, PARIS

FERRO QUEVENNE

Reito e aprovado pela Academia
de Medicina de Paris.

Curto Anemia, Febre, do Sangue, Perdas, Doras e Metabolismo do nervos de succosos.

Existe em cada frasco de Ferro Quevenne e nelle de "UNION des FARMACIENS", 14, r. Basse-Arta, Paris.

DOENÇAS do ESTOMAGO
Dyspepsia
Perda
de Appetito
ELIXIR GREZ
TONICO-DIGESTIVO como QUINA, COCA e PEPSINA
ADOPTADO EM TODOS OS HOSPITAIS — Medalhas de Ouro e Diplomas de Honra
PARIS — GREZ, 2, rue La Bruyère, e em todas as Pharmacies

ASTHMA E CATARRHO
Curados CIGARROS ESPIC DE CAIXA
COM OS CIGARROS ESPIC DE CAIXA
Opereções, Tosses, Congestões, Nervosismo
Em todas as Pharmacias de Portugal e do Brasil. — PARIS, Vende por gross.
2, 267, rue St-Louis, St. Ronger esta casa-laboratório sobre a da Cigarras

BISMUTHO ALBUMINOSO BOILLE GRÃOS de BROMHYDRATO de QUININA BOILLE

dysenteria, diarrheas, gastralgias, cólicas, febres, enxaquecas, Gota. — 14, r. Basse-Arta, PARIS, e Ph^o

LA CHARMERESSE

Pd refrigerante, o mais puro e mais do que de beliza. A composico absolutamente nova do ponto de vista da hygiene, a sua forma, aneturando e a sua portatilidade fazem recomendar o seu uso para
as praias deliciasas, viagens a pelle, diuizencia da roupa, da no ruído e brancura pallida, adevolvi o direito da caneta e a desdignidade de ser por momento tanta as injurias (sardas, manchas, vermelhico, etc.)
Para o trilha da im, balle ou expozicoes, solicitem a **CHARMERESSE, CONCENTRADA** a solididade em **CHAMPAGNE NOBILIDADE** — DUBREUIL, inventori
Rua J. J. Monseigneur, n.º 1, Paris. — Em Lisboa: GODFROT, Rua Garrett, 51; BERNARD, Rua Garrett, 75; E. & O. & C.ª, Praca de S. Pedro (Rocio), e nas praeas Nubilis e de Lisboa e do Brasil.